



EDITORIAL

No primeiro semestre de 1997 concretizava-se o projeto da Profa. Dra. Ana Fani Alessandri Carlos de criar uma revista vinculada ao Programa de pós-graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da FFLCH/USP.

Um semestre antes, fui convidada pela professora para auxiliar na preparação da revista. Àquele tempo, eu era aluna de doutorado do referido Programa, tendo ingressado no mesmo um ano antes.

A Geosp n.1 teve 115 páginas e artigos que foram pessoalmente “angariados” por sua idealizadora, a professora Ana Fani, que foi, ao longo desses anos todos, além de uma das coordenadoras da revista, uma divulgadora incansável, verdadeira relações públicas de uma revista que, como ela mesma afirmara no editorial da edição comemorativa dos dez anos, nasceu “com o compromisso de veiculação do conhecimento crítico, produzido enquanto exercício de liberdade capaz de contemplar a pluralidade do pensamento e dos caminhos abertos à pesquisa como elemento propulsor do debate”.

Atualmente, recebemos artigos de todas as partes do Brasil, em número suficientemente expressivo para que, uma vez aceitos para publicação (em função dos respectivos pareceres científicos), esses artigos tenham de esperar “na fila da publicação”, não raras vezes por mais de um ano, mesmo a Revista tendo atingido um número de páginas em média em torno de 200. A edição de nº 19, primeiro semestre de 2006, chegou a 270 páginas!

Os números acima indicam, entre outras coisas, que a Geosp é, hoje, uma revista nacionalmente conhecida e respeitada e isto resulta do esforço conjunto de diversas pessoas, que, como eu, aceitaram dar a sua contribuição para que um projeto se transformasse em realidade. Por essa razão, tenho motivos suficientes para orgulhar-me de fazer parte dessa história.

E para, de certo modo, marcar o espaço conquistado e o tempo percorrido, gostaria de destacar alguns poucos trechos de edições passadas, como, por exemplo, da de número 5 (primeiro semestre de 1999), quando o prof. Armando Corrêa da Silva escreveu:

A atual configuração urbana do mundo é uma criação do capitalismo. A indústria e o Estado, no decorrer do tempo, deram-lhe a forma recente. Nos países socialistas existentes não foi possível eliminar a contradição campo-cidade. Apenas atenuaram-se ou eliminaram-se algumas contradições sociais. A situação atual do mundo parece significar (principalmente a partir dos anos 50) uma mudança radical que está apenas começando. A aventura urbana não terminou. (1999:15)

Se, por um lado, a aventura urbana não terminou, também não foram eliminadas as contradições na relação campo-cidade, não somente nos países socialistas, mas, igualmente, nos capitalistas. E, nesse sentido, escreveu o prof. Manuel Correia de Andrade, na Geosp nº 12, segundo semestre de 2002:

Como se vê, o problema premente do Brasil é o da realização da reforma agrária, visando tanto diversificar a produção e comprometê-la com o mercado interno como garantir a fixação do homem ao campo, atenuando o êxodo rural. Uma reforma agrária deve estar voltada tanto para a democratização do acesso à terra, por parte do trabalhador rural, como o da orientação do que produzir, de como produzir e do destino e deve ser dada à produção. Ela deve atingir tanto as formas como as funções da produção. (2002:19)

Voltando à “aventura urbana”, destaco, por fim, uma passagem da Geosp nº 19, na qual Vanda Ueda discutiu, entre outras coisas, o “lugar” da rua no contexto das transformações do espaço urbano:



Do ponto de vista social, na rua podemos encontrar todo tipo de gente e de classe, nela se mesclam as diferentes classes e estratos sociais. Do ponto de vista econômico, a rua pode se converter em um diferenciador social – de frustração e privação uma vez que nem sempre podemos consumir tudo o que se oferece nela. Do ponto de vista territorial e de territorialidade, a rua oferece inúmeros diferenciais e podemos encontrar diferentes grupos étnicos, com diferentes culturas que se reúnem para falar de seu povoado, recordar seu passado, etc. É na rua que se encontra, também, diferentes tipos de comércio, cuja mirada torna-se objeto de desejo. (2006:143-4)

Não por acaso escolhi os excertos acima. Os três geógrafos ora citados não estão mais entre nós. Não ao menos como gostaríamos que estivessem. Todavia, deixaram-nos suas idéias, reflexões, pensamentos consubstanciados em livros e artigos como esses que a Geousp teve

a feliz oportunidade de veicular. Esse editorial tem, então, a pretensa intenção de singelamente homenagear a eles e a todos os autores cujos artigos vêm preenchendo as páginas dessa revista já há doze anos!!!

Como não dizer, então, que assumo a partir desse número, a coordenação da área de Geografia Humana da Geousp, com alegria, satisfação e grande orgulho?E, para isso, não posso deixar de fazer alguns imprescindíveis agradecimentos. O primeiro deles à colega e amiga Ana Fani Carlos, por ter-me dado a oportunidade, há doze anos atrás, de colaborar com a revista e, agora, de coordenar a mesma. Agradeço, também, especialmente, à professora Glória da Anunciação Alves, que vem dividindo comigo e com a Fani, nos últimos anos, a tarefa de cuidar de todos os detalhes envolvidos na publicação da Geousp. Resta dizer, apenas, para concluir, que o trabalho continua.

Rita de Cássia Ariza da Cruz

